

Prolegômenos para uma ontologia do ser social

GYÖRGY LUKÁCS

São Paulo: Boitempo, 2010, 414p.

SERGIO LESSA*

No início dos anos de 1960, ao terminar o primeiro volume de sua *Estética*, Lukács decidiu redigir uma *Ética*. Era preciso, para conferir um fundamento materialista à ética, delimitar os fundamentos ontológicos do processo histórico de sua gênese e desenvolvimento a partir do trabalho – o que o levou a investigar os fundamentos da reprodução social.

Essa investigação resultou no manuscrito intitulado *Para uma ontologia do ser social*, o qual foi debatido com seus discípulos em Budapeste. Desse debate, pouco sabemos – e a sua avaliação mais consistente é a apresentação de Nicolas Tertulian à edição italiana dos *Prolegômenos* (publicado como posfácio da edição brasileira dos *Prolegômenos* e, pela primeira vez em língua portuguesa, na *Crítica Marxista* n.3). Após esse debate, Lukács redigiu uma introdução, um prolegômeno, ao manuscrito já redigido. É este *Prolegômenos a uma ontologia do ser social* o texto publicado pela Editora Boitempo.

Tal como a *Ontologia*, também esta obra ficou inacabada, sendo de mais difícil compreensão do que o texto que pretende introduzir. Por isso, talvez houvesse sido mais interessante iniciar a publicação do conjunto da ontologia lukácsiana pela *Ontologia do ser social* – mas isso, no longo prazo, não deverá ter grande importância.

* Professor da Universidade Federal de Alagoas.

I

A publicação dos *Prolegômenos para uma ontologia do ser social* tem uma longa história. Na década de 1980, José Chasin, então editor da Editora Ensaio, adquiriu os direitos para a publicação no Brasil dos *Prolegômenos* e da *Ontologia*. E encarregou Lya Luft da tradução. Dificuldades políticas e financeiras da Ensaio, todavia, inviabilizaram a publicação. Nos primeiros anos deste século, a Editora Boitempo adquiriu os direitos – e Ester Vaisman foi encarregada da revisão da tradução de Lya Luft.

A escolha não poderia ser mais feliz. Ester foi a primeira a defender uma pós-graduação no Brasil (e, pelo que me consta, no mundo) sobre a *Ontologia*: seu contato com o manuscrito lukácsiano está entre os mais antigos e consolidados em nosso país. Ao seu redor surgiu um grupo de pesquisadores, na Universidade Federal de Minas Gerais, que a auxiliou nessa revisão, entre eles Rodnei Nascimento e Ronaldo Vielmi Fortes. A escolha de Ester Vaisman possibilitou que a tradução não apenas fosse de excelente qualidade, mas que ainda viesse acompanhada de um prefácio e de notas muito úteis. De fato, Lukács não poderia ter encontrado melhor “supervisão editorial” em nosso país.

II

Como toda boa tradução, esta também levanta algumas questões. A mais importante, a nosso ver, foi a opção pela tradução de *Entäusserung* por alienação e de *Entfremdung* por estranhamento. *Entäusserung*, na *Ontologia* de Lukács, corresponde aos processos de transformação da personalidade de cada indivíduo articulada e fundada na transformação do mundo pela objetivação de teleologias. *Entfremdung* são os complexos sociais que se voltam contra o desenvolvimento da humanidade, são os obstáculos historicamente postos pela humanidade à continuidade de seu próprio desenvolvimento.

No Brasil e na Europa, estudiosos da *Ontologia* como Nicolas Tertulian, Guido Oldrini, José Paulo Netto, Leandro Konder e Carlos Nelson Coutinho optaram por manter a tradição aberta por Marx – por exemplo, na tradução para o francês do livro I de *O capital* e por Engels, na tradução ao inglês da mesma obra – de traduzir *Entfremdung* por alienação. E, para *Entäusserung*, a escolha foi de exteriorização – numa tradução quase literal do alemão.

Contra essa longa tradição, Chasin (possivelmente seguindo A. Scarponi, o tradutor italiano dos manuscritos de Lukács) e alguns de seus orientandos – entre eles, o autor desta resenha –, na década de 1980 e 1990, passaram a argumentar que *alienação* seria o momento positivo da autoconstrução do indivíduo (*Entäusserung*), contra o *estranhamento* (*Entfremdung*), que seria a desumanidade socialmente posta. Não se tratava da descoberta de um novo e revolucionário conteúdo dessas categorias de Marx e Lukács – nem, ainda, de uma crítica radical do conteúdo expresso, até então pelos termos alienação e exteriorização. Era, ape-

nas, a adoção de novas nomenclaturas sem que trouxesse qualquer ganho para a interpretação das obras de Marx, Engels ou Lukács. Instalou-se uma desnecessária confusão: qual a diferença entre “estranhamento” em Lukács e “alienação” em Marx e Engels? A nova opção trazida ao Brasil por Chasin e adotada por vários de nós sugere uma falsa distância ou dicotomia entre o autor húngaro e os clássicos do marxismo. Nada mais distante da expressa intenção de Lukács.

Por algum tempo, a confusão manteve-se restrita aos estudiosos de Lukács em nosso país. Contudo, a publicação pela Boitempo de uma tradução dos *Manuscritos econômico-filosóficos de 1844*, de Marx, com sua interpretação fortemente hegelizante, fez os mal-entendidos se multiplicarem. O que era compreensível em Marx se converte em frases crescentemente herméticas, para dizer o mínimo. Por exemplo, o efeito dos processos alienantes sobre o desenvolvimento de cada (para repetir Lukács) indivíduo concreto, historicamente determinado, deixa de ser uma “exteriorização alienada” para se converter em uma “alienação estranhada”. O desenvolvimento autêntico, genérico, dos indivíduos deixa de ser uma “exteriorização autêntica” para ser uma “alienação autêntica”. (O que levou a uma situação curiosa. O texto de Nicolas Tertulian que serve de posfácio à edição brasileira, bem com a tradução do mesmo ao português por Ivo Tonet, tiveram que ser alterados. *Entfremdung* virou estranhamento e, *Entäusserung*, alienação.) E assim por diante.

Apesar disso, a edição brasileira manteve alienação como tradução de *Entäusserung* e, estranhamento, de *Entfremdung*. A ausência de uma nota explicativa – e que, ao mesmo tempo, chame a atenção do leitor para esta questão – contribuirá para que permaneça em pauta a falsa impressão de se tratar de duas distintas categorias, o “estranhamento” na ontologia de Lukács e a “alienação” nas obras de Marx e Engels.

A edição também ganharia com uma nota explicativa da tradução, acertada a nosso ver, de *Gattungsmässigkeit* pelo neologismo “generidade”. Ainda que não seja um absoluto consenso entre os estudiosos do Lukács maduro, parece ser esta a melhor tradução para a universalidade abstrata de gênero humano – generidade –, por possibilitar a expressão em português da contraposição, muito presente em Lukács, do gênero humano em sua máxima universalidade, com a totalidade e universalidade mais parciais de cada formação social ou de cada sociedade em sua singularidade. E, por fim, uma próxima edição se tornaria mais acessível ao leitor se fosse acompanhada de um índice de assuntos.

Essas observações, mais ou menos marginais, não comprometem a qualidade da tradução nem diminuem a importância da publicação dos *Prolegômenos*. Os tradutores, Ester Vaimam à frente, realizaram um trabalho gigantesco e de enormes méritos.

LESSA, Sérgio. Resenha de: LUKÁCS, György. Prolegômenos para uma ontologia do ser social. São Paulo: Boitempo, 2010, 414p. *Crítica Marxista*, São Paulo, Ed. Unesp, n.32, 2011, p.175-177.

Palavras-chave: Ontologia; Ser social; Lukács.